

# O Pan-Hispanismo de António Sardinha: génese, receção e influência da sua obra

**Susana Rocha Relvas**

Universidade Católica Portuguesa

## Abstract

This study aims at analysing António Sardinha's cultural relations, reception and influence of his work in Lusophone and Hispanic spaces. First we will give account on his first encounters with cultural Spain and the circumstance of Sardinha's Spanish exile some years later (1919-1921) due to political reasons, which will activate an Iberian consciousness with immediate reflexions in his poetry and doctrinal writings. Then, we will demonstrate that it is mostly in his doctrinal essays on Hispanism that Sardinha reflects on the historical mission of the two Iberian countries which has its visibility in the Hispanic project of a peninsular alliance with multiple connections with Africa and Latin America. In order to streamline a Hispanic alliance, Sardinha established with the Spanish and Latin-American conservative wing a productive dialogue with intellectuals such as the Spanish Ramiro de Maeztu, Lozoya and Quintanar, the Argentinian Francisco Silva, the Brazilians Jackson de Figueiredo and Gilberto Freire and with educated women of the time.

Keywords: Pan-Hispanism, António Sardinha, Spain, Brasil, Latin-America.

## Enquadramento teórico e metodológico

Este trabalho, no âmbito dos estudos ibéricos comparados, que se estende aos espaços geográficos, culturais e simbólicos do hispanismo e da lusofonia, pretende refletir sobre o surgimento, maturação e alcance do projeto aliancista de António Sardinha, definindo o Pan-Hispanismo como *tertium comparationis* no universo histórico, cultural e literário nas primeiras décadas do século vinte.

Dada a sua natureza transnacional e multidisciplinar, e graças ao seu crescimento exponencial, fruto das teorias pós-coloniais e dos estudos globais, que se têm afirmado no mundo académico nas últimas décadas, os estudos ibéricos comparados assumem hoje vitalidade e alcance sem precedentes, vendo o seu âmbito de estudo amplificado a temáticas que aqui desenvolveremos, dada a sua pertinência na génese e evolução da teoria hispanista e das práticas culturais que a sustentam no início do século XX. Referimo-nos aos conceitos de nacionalidade, supranacionalidade, imperialismo, cultura e memória, discursos e representações, imaginários e utopias, cartografias culturais e literárias definidoras de espaços de sociabilidade e criatividade; questões de imagem, receção e alteridade; ou problemas de fronteira, de deslocação e de exílio e como estes fatores determinam, no autor em estudo, a formulação de uma doutrina Pan-Hispanista seguida e fundamentada por uma rede de intelectuais ibéricos e ibero-americanos.

## Iberismos e hispanismos

A história político-social da Península Ibérica, na transição de século, é marcada pelo sentimento de crise e de ruturas nos planos ético, político e económico que se intensificam nas primeiras décadas do breve e extremado século XX (Hobsbawm, 1987, 1994)<sup>1</sup>. A decadência do Ocidente, como a entendeu Oswald Spengler, traduz a “crise dos ideais” do século XIX (González Cuevas, 2003: 202), manifestando-se com a queda inevitável dos velhos sistemas oficiais, o declínio dos impérios coloniais e a posição subalterna da Península Ibérica perante as potências mundiais, que culmina na década *horribilis* finissecular. Este é um período marcado pelo *Últimatum* inglês (1890) e pela guerra hispano-americana, que precipita o denominado Desastre Espanhol (1898). Neste contexto sincrónico e, em reação à política de blocos e alianças firmadas por diferentes potências europeias, recorde-se a Tríplice Aliança (1882), intensifica-se, nos dois países ibéricos, a política americanista e africanista capaz de reforçar os laços transatlânticos e recuperar o poderio perdido (Sardica, 2013; Ferreira, 2016; Matos, 2006, 2007). A herança reformista das gerações de 70 portuguesa e de 98 espanhola foi determinante na conceção doutrinária deste fenómeno, tanto no escrutínio da decadência peninsular, como na formulação de teses regeneracionistas defendidas, de um lado e de outro da fronteira, por uma plêiade de figuras destacadas da política e da cultura como Oliveira Martins, Latino Coelho, Fidelino de Figueiredo, Menéndez y Pelayo, Juan Valera ou Miguel de Unamuno. Partindo do conceito de civilização, estas gerações de transição de século, teorizam pela primeira vez o problema ibérico, numa perspetiva histórica, antropológica, sociológica, cultural e literária, (*História da Civilização Ibérica*, 1871), discussão que se prolonga nas primeiras décadas do século XX, na multifacetada cultura portuguesa pontificada pelo Saudosismo de Teixeira de Pascoaes; o Modernismo de Fernando Pessoa; o Racionalismo de António Sérgio, o Espiritualismo Criacionista de Leonardo Coimbra e o Nacionalismo monárquico contrarrevolucionário de António Sardinha (Real, 2010: 167-168). Movimentos heterogéneos que convergem, todavia, na apropriação dos conceitos nacionalismo, nação e cultura para a afirmação intra-histórica da sua identidade, contribuindo para a definição de um *canon* literário nacional (Fox, 1998: 1) num contexto político-social marcado pela bipolaridade discursiva, entre a tradição e a modernidade (Shaw, 1982).

---

<sup>1</sup> Sobre este tema veja-se de E. J. Hobsbawm (1987). *The Age of Empire: 1875-1914*. New York: Vintage Books. O autor analisa as transformações e conflitos mundiais nos séculos XIX e XX, com destaque para a vigência e queda dos impérios ocidentais. Ver também *Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991*. (1994). S.P.: Companhia das Letras. Hobsbawm elucida, neste livro, como a crise dos ideais do século XIX resulta em posições políticas extremadas de que são exemplo as ditaduras europeias ou a 2ª Guerra Mundial.

O iberismo, nas suas vertentes intra e extra-ibéricas, atinge o seu auge como “paradigma ideológico” na década de vinte, (Faber, 2005:62) e converte-se, como nos afirma César Antonio Molina, em “una de las más exitosas construcciones literarias de la cultura española del siglo XX” (1990: 18), constituindo, na asserção de Even-Zohar (1990: 85-94), um polissistema, ou seja, um sistema dinâmico e de interferência protagonizado por grupos intelectuais, que gravitam em vários níveis hierárquicos, centrais e periféricos, naquilo a que Susan Bassnett apelida de “relações de troca e de transferência” (2006:3) e que maximizam o capital cultural ibérico e ibero-americano da década de vinte.

### **A atividade plural de António Sardinha**

Nascido em Monforte do Alentejo, em 1887, António Maria de Sousa Sardinha inicia a sua atividade como poeta aos 15 anos, sob a orientação e proteção de Eugénio de Castro, destacado poeta simbolista que ganhou influencia em Espanha e na América Latina e admiração junto de Ruben Dario e Miguel de Unamuno. É por influência de Eugénio de Castro que o, então, jovem estudante em Coimbra e, fervoroso republicano, integra, por volta de 1906, o grupo dos “exotéricos” (Pinto, 1982: 1412), de gosto decadentista e simbolista, e enceta contacto com os escritores espanhóis Manuel Abril e Felipe Trigo para colaboração num projeto de alcance internacional, a revista *Debate*. Abril e Trigo regozijam-se<sup>2</sup> com esta aproximação de Sardinha, trocam-se dedicatórias em livros ofertados, mas o projeto não se concretiza. O primeiro, seguiria o caminho da ficção e da crítica literária, integrando o grupo de vanguarda espanhol, liderado por Gómez de la Serna e que José Solana imortaliza no seu quadro “La tertúlia del Café del Pombo”. O segundo, cuja produção literária se inscreve no romance social, seguindo os princípios vitalista e esteticista do seu tempo, não dará continuidade ao diálogo com António Sardinha.

Vencedor do 1º prémio dos Jogos Florais Hispano-Portugueses, realizados na Universidade de Salamanca, em 1909, (Álvarez, 2012: 132), que lhe dá a oportunidade de estabelecer contactos com a intelectualidade espanhola, membros de estado e do clero<sup>3</sup>, Sardinha escreve, em 1911, ao lusófilo catalão Ribera y Rovira, solicitando

---

<sup>2</sup> “Recibí su atenta carta que me produjo satisfacción viva, al tener noticia de un proyecto tan simpático como el de su Revista, y agradecimiento a su bondad por dirigirse a mi dándome lugar a ser partícipe de una obra de arte como esa promete”. Carta sem data, mas que podemos situar no ano de 1906. dado a referência, nesta carta, a um livro de poesias de Manuel Abril que encontramos no espólio de Sardinha - *Canciones del Corazón y de la Vida* (1906). In Carta de Manuel Abril, s/d [1906?] (Relvas, 1998b: 5).

<sup>3</sup> Cf. nosso estudo Relvas (1998a). *António Sardinha e suas relações culturais com a Espanha. “Pactos de Quinas e de Flores de Liz” entre os “semeadores de nacionalidades”*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa,

colaboração para a revista *Renascimento*. Título elucidativo da emergência nacionalista que se opera em Portugal e Espanha nas primeiras décadas do século XX. Após dez anos a viver em Portugal, tendo sido discípulo de Teófilo Braga no Curso Superior de Letras, Ribera y Rovira acede prontamente ao convite e indica, por solicitação de Sardinha, os catalães Joan Maragall, Ángel Guimerá, Rubió i Lluch e Massó i Torrents, como possíveis colaboradores, no sentido, como o próprio afirma, de “internacionalizar a propaganda, a cultura, a arte peninsular” (Relvas, 1998b: 7). Mais um projeto gorado, nesta época marcada pela instabilidade da recém implantada República (1910), responsável por “converter” Sardinha ao sistema monárquico, criando com o grupo de exilados Luís Almada Braga, Hipólito Raposo, Rolão Preto e Alberto de Monsaraz a revista *Nação Portuguesa* (1914-1938), que logo se afirmaria como órgão do movimento cultural do Integralismo Lusitano. Como doutrina política, o movimento Integralista defende um nacionalismo monárquico, orgânico, tradicionalista, católico, corporativista e municipalista, na linha de Charles Maurras e, em busca da identidade cultural portuguesa, parte dos conceitos de nacionalismo, nação e cultura para definir um sistema literário nacional (Fox, 1998). Já na vanguarda da moderna cartografia literária, Sardinha regressa às origens históricas para situar o “génio lusitano”, herdeiro da antiga Atlântida, no noroeste peninsular, berço dos Cancioneiros onde se espelha a sensibilidade da Diana de Jorge Montemor e do Amadis de Gaula, “direto antepassado do Encoberto” (Sardinha, 1972: 92).

A primeira afirmação pública do grupo, como movimento de resgate nacional, monárquico e contrarrevolucionário, dá-se, em 1915, com as conferências na Liga Naval, em Lisboa, onde se pretende, por um lado, afirmar o movimento Integralista como uma alternativa viável na consecução do renascimento nacional e, por outro lado, tomar uma posição contra o unitarismo ibérico, de cariz republicano, federalista e maçónico, a favor da individualidade de cada povo, admitindo, todavia, a possibilidade, em situação limite, de estabelecer com a Espanha uma aliança peninsular<sup>4</sup>.

A partir de 1917, Sardinha lidera um movimento doutrinário e cultural que se encontra no auge da sua atividade e credibilidade, dirige o jornal político *A Monarquia* (1917-1925) e é eleito deputado pela ala monárquica durante a ditadura de Sidónio Pais. Após a morte trágica do “Presidente-Rei”, como lhe chamaria Fernando Pessoa, Sardinha é implicado nas incursões armadas de Monsanto e da Monarquia do Norte, lideradas por

---

e (1998b) Apêndice documental. Correspondência inédita espanhola, brasileira e hispano-americana dirigida a António Sardinha. (1906-1925). Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, Vol. II.

<sup>4</sup> “A Fórmula de amanhã em política exterior há-de ser, sem dúvida, não união ibérica, mas aliança peninsular” (Sardinha, 1916: 29).

Paiva Couceiro, em 1919, exilando-se em Espanha até à amnistia que lhe permite o regresso, em 1921.

### **Impacto do exílio na doutrina hispanista de Sardinha**

*Na Corte da Saudade: sonetos de Toledo* (1922b) é, por ventura, na vasta obra de Sardinha, o testemunho mais lúcido e pungente da experiência de exílio. Aí se espelha a amarga condição de emigrante político, vivendo o drama da ausência e do “desenraizamento” (Damrosch, 2003: 300), condenado à errância e à condição de peregrino. Peregrinação que Sardinha logo converte em proveitosa descoberta, através das inúmeras viagens que empreende à Galiza e às cidades castelhanas de Toledo, Ávila, Segóvia e Madrid, admirando o património histórico e artístico espanhol repleto de reminiscências portuguesas, como é o caso das obras do escultor portuense seiscentista Manuel Pereyra<sup>5</sup> que fez carreira em Espanha e teria merecido a admiração de Felipe IV. Esta perspetiva imagológica que se opera em Sardinha, enquanto emigrado político, assente no confronto e semelhança entre o próprio e o “outro” (Bakhtin, 1984), traduz a natureza híbrida do exílio, entre a nostalgia restritiva e a liberdade criadora, com reflexos imediatos na sua produção literária e doutrinária. O exílio irá, a curto prazo, redefinir o seu pensamento nacionalista, alargando-se ao Peninsularismo e, por natural extensão, conciliando lusitanismo e hispanismo, em defesa de uma memória cultural comum. Ambivalência que é testemunhada pelo Marqués de Lozoya quando afirma:

El rostro de Antonio Sardinha se iluminaba ante uno de aquellos reflejos de su Patria, pero el poeta dijo luego discretamente que no venía a Segovia a buscar a Portugal, sino a Castilla (...) el milagro de un poeta portugués hablando de Castilla con ternuras de enamorado y de un castellano exaltando por las nubes los valores de Portugal (Lozoya, 1940:6-7).

Abandonando “preconceitos” hispanóforos e iniciando um frutífero diálogo com a “moderna erudição espanhola” (Sardinha, 1943: 3-4), opera-se, então, em Sardinha um processo de “reterritorialização”, física e mental, ou seja, o sentimento de pertença a um novo espaço, sentindo-se tão espanhol como português, naquilo a que David Bevan denomina de “identidade renovada” (1990:4). Ao colocar as fronteiras geográficas da

---

<sup>5</sup> Escultor portuense de arte sacra do século XVII, Manuel Pereyra deixou obra em Portugal e Espanha. Sobre o interesse de António Sardinha pelo artista e o diálogo que manteve sobre este tema com o Marqués de Lozoya vejam-se as cartas nº 2 e nº 6, de Lozoya dirigidas a Sardinha (Relvas, 1998b: 53 e 57), com pertinente informação sobre a vida de Pereyra e o alcance da sua obra em Espanha.

civilização hispânica ao nível de um super/ supranacionalismo, Sardinha situa o Hispanismo numa territorialidade utópica (Deleuze & Guattari, 1992: 39), pontificada por referenciais históricos, culturais e espirituais. Transcendência e tradicionalismo definem, pois, as linhas de força do seu programa hispanista consubstanciado na matriz identitária do catolicismo e da latinidade (Sardinha, 1943: 94). Essa matriz define-se no plano literário através da apropriação dos mitemas D. Quixote e D. Sebastião, personagens do sistema simbólico ibérico que condensam a herança cavaleiresca de Portugal e Espanha e conduziram, por terra e por mar, à dilatação da fé e do império. A “razão sentimental e mística do sebastianismo”, em contraste com o D. Quixote “espectro do cavaleiro-andante”, traduzem “dois ethos” constitutivos das “diferenciais que individualizam, quer ideativa, quer historicamente, Portugal e Castela” (Sardinha, 1972: 110), revelando-se inesgotáveis “fontes de energia positiva na dinâmica do génio nacional” (Sardinha, 1940: 67).

### **Imagem e receção do Integralismo em Espanha**

A receção da doutrina integralista em Espanha deve-se ao intenso intercâmbio de jornais e revistas contrarrevolucionários, como *El Debate* (1910-1936), órgão conservador espanhol, que congrega vozes de diferentes setores tradicionalistas e monárquicos. Aí se publicam ensaios de vulgarização do movimento português, da autoria de Marqués de Lozoya<sup>6</sup>, Nicolás González Ruiz<sup>7</sup> e António Ballesteros<sup>8</sup>, e estabelece-se intercâmbio com as suas congéneres integralistas *A Nação Portuguesa* e *A Monarquia*. Esta dinâmica cultural alarga-se a outras publicações como as revistas portuguesas *Lusitânia e Contemporânea* e as espanholas *Raza Española*<sup>9</sup>, *La Nación*, *El Sol*<sup>10</sup>, *El Pensamiento Español*<sup>11</sup> e *Revista de Estudios Hispánicos*<sup>12</sup>. A ação de intercâmbio estende-se, ainda, à Galiza com as revistas *Nós*, *Nossa Terra* e *Pueblo*

---

<sup>6</sup> Marqués de Lozoya. “El Hispanismo - buscando un ideal”. *El Debate*, año XV, 1925, p.1.

<sup>7</sup> Nicolás González Ruiz. “Horizontes. Del ideal ibérico, tal como lo siente un patriota portugués”. *El Debate*, año XV, nº4.832, viernes 9 enero 1925 e “Antonio Sardinha poeta y pensador hispánico”. *El Debate*, año XV, Nº4.836, miércoles, 14 enero, 1925, p.3.

<sup>8</sup> Antonio Ballesteros Berreta, “Antonio Sardinha”. *El Debate*, año XV, Nº 4.837, Madrid, jueves, 15 enero, 1925, p.3.

<sup>9</sup> Conde de Santibañez del Río. “Antonio Sardinha”. *Raza Española*, nº73-74, enero-febrero, 1925, pp.63-65; Marqués de Lozoya. “El portugués enamorado de Toledo”. *Raza Española*, nº 73-74, enero/ febrero, pp.57-61.

<sup>10</sup> Luis Araquistáin. “Un Matiz del Iberismo”. *El Sol*, Madrid, sábado 8 septiembre 1923, p.1; “una doctrina de dictadura”. *El Sol*, Madrid, lunes 10 septiembre 1923, p.1; “Obituario; Antonio Sardinha”. *El Sol*, Madrid, jueves, 15 enero 1925, p.1.

<sup>11</sup> Enrique Urain. “El ‘integralismo’ portugués y el ‘tradicionalismo’ español”. *El Pensamiento Español. Diario Tradicionalista*, segunda época, año II, de nº 318 a 363, 18 septiembre a 6 noviembre 1920, p.1.

<sup>12</sup> Marqués de Lozoya. “Prólogo”. *Revista de Estudios Hispánicos*, nº1, enero, 1935, p.1.

*Gallego*<sup>13</sup>, nas vozes do Marquês de Quintanar e de Vicente Risco, que contribuem para a divulgação do pensamento de Sardinha em Espanha e na América Latina. Projetam-se, em simultâneo, publicações de alcance peninsular como, por exemplo, a iniciativa de Sardinha e Blanca de los Rios, diretora de *Raza Española*, em criar uma revista, seguindo os moldes do antigo projeto da revista *Renacimiento*<sup>14</sup>. A cooperação luso-espanhola é, ainda, reforçada, com a fundação das Sociedades de Amigos de Portugal e de Espanha, a realização de conferências sobre história, arte e política, a edição de livros e a publicação de artigos na imprensa que fomentam o mútuo conhecimento e a defesa de interesses comuns<sup>15</sup>.

Por seu turno, a presença de Sardinha em Espanha cativa a atenção da ala monárquica espanhola, que vê na escola Integralista, não só uma elite intelectual (Martins, 2004), mas também e, sobretudo, um movimento de sólida formação literária e política, defensor da tradição e do “internacionalismo hispânico” (Sardinha, 1922a: 49), de que carecia a ala conservadora espanhola. Será tida em consideração a política africanista de Sardinha, defendida em diversas páginas de *A Aliança Peninsular*, que o autor dedica aos soldados mortos na Guerra de Rif<sup>16</sup>. Mas a prova mais contundente da influência da doutrina de Sardinha em Espanha está relacionada com a formação do Partido Social Popular<sup>17</sup>, criado em 1922, e liderado por Ángel Ossorio y Gallardo. Nele se integram Lozoya e Quintanar que solicitam a Sardinha a sua orientação doutrinária e a revisão dos seus estatutos, desejando seguir o modelo Integralista em prol de uma ação política comum<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Vicente Risco. “O Hispanismo de António Sardinha”. *A Nossa Terra*, n.º 2112, 1-V, p. 2.

<sup>14</sup> Marquês de Quintanar, carta n.º 51, Madrid 27 Outubro 1922 (Relvas, 1998b: 48).

<sup>15</sup> A Sociedade de Amigos de Portugal é presidida pelo Conde de Romanones, enquanto que a Sociedade de Amigos de Espanha é criada por José Pacheco, diretor da revista *Contemporânea*. Em carta a Sardinha, Lozoya anuncia a criação da Sociedade de Amigos de Portugal e esclarece os seus propósitos de intercâmbio e aprofundamento intercultural: “Se fundó al cabo la Sociedad de Amigos de Portugal, con asistencia // de mucha y buena gente y con gran entusiasmo; acordamos un curso en conferencias semanales y que comenzara en el próximo Octubre sobre historia, arte, política etc. de Portugal; traer a Madrid a los Portugueses de más valía y enviar a Portugal a los más insignes españoles; ocuparse cada cual con cariño en el libro, en el periódico, de asuntos portugueses; defender a Portugal de imputaciones calumniosas y de noticias tendenciosas o inexactas. ¡Qué hermoso programa! ¿Verdad? ¡Dios nos de fuerzas y constancia para cumplirlo!” Carta n.º 7, do Marquês de Lozoya a António Sardinha, Segovia, 6 de maio de 1922. (Relvas, 1998b: 58).

<sup>16</sup> Sardinha dedica várias páginas ao problema africano, em concreto ao papel de Espanha na Questão de Marrocos e do povo berbere (1972: 304-324). Este episódio, que ficou conhecido como o Desastre de Anual (julho 1921), resultou em revoltas populares, no golpe de estado e na ditadura de Primo de Ribera.

<sup>17</sup> O Partido Social Popular, de tendência demo-cristã, é fundado, em dezembro de 1922, e desaparece após a instauração da ditadura de Primo de Ribera, no ano seguinte, quando a maioria dos seus membros se integra na Unión Patriótica, o partido único da Ditadura.

<sup>18</sup> “Nada me dice V. del Partido Social Popular. Desearíamos que obrase de acuerdo con el // Integralista y que mantuviese un activo intercambio con Portugal”. Carta n.º 6, do Marquês de Lozoya a António Sardinha, Madrid 11 fevereiro 1922. (Relvas, 1998b, pp.57-58) e Carta n.º 12, de Marquês de Lozoya a António Sardinha, 13 janeiro 1923, (Relvas, 1998b: 63).

À semelhança dos Marqueses de Lozoya, de Quintanar, de Figueroa e de muitos outros interlocutores com quem Sardinha estabelece sinergias fraternais e doutrinárias, Ramiro de Maeztu terá, com o mentor do Integralismo, “um parentesco mental” (Sardinha, 1943: 116) que se vai intensificando com o conhecimento mútuo, intercâmbio de revistas e livros como *La crisis del Humanismo*, que Sardinha lê com agrado, colocando-o “nas proximidades mais afectuosas do *Integralismo*” (Sardinha, 1943: 117). Convergentes quanto ao tradicionalismo católico e ao “patriotismo hispânico” comum (Maeztu, in Sardinha, 1972: LXI), acresce o gosto de Maeztu pela cultura e literatura portuguesas, fruto de viagens a Portugal, como correspondente, acompanhadas de proveitosas leituras que darão lugar a uma conferência sobre a Literatura Portuguesa, obrando em prol da aproximação e do mútuo-conhecimento luso-espanhol. Recordando o labor hispanista de ambos, o Marqués de Quintanar afirmará, mais tarde, que: “Los nombres de Ramiro de Maeztu y de Antonio Sardinha pasarán, estrechamente unidos, al porvenir de la Humanidad, y la obra histórica que ellos supieron evocar, cuatro siglos después de realizada, es la labor más fecunda de los hombres (...)” (Quintanar, 1952: 115). Da autoria de Maeztu é o prólogo da 1ª edição espanhola de *A Alianza Peninsular* (1930), tarefa inicialmente prevista para Primo de Rivera (Maeztu, in Sardinha, 1972: LX) que, segundo Maeztu, teria sido simpatizante das ideias de Sardinha, traduzindo-se essa convergência nas medidas políticas tomadas em prol de uma aproximação, com a realização de acordos culturais e comerciais firmados até 1930, alguns dos quais por iniciativa de Marqués de Quintanar, enquanto Presidente do Patronato Nacional del Turismo. Maeztu afirma que a originalidade de Sardinha reside na criação de uma doutrina, válida para Portugal e Espanha e, referindo-se ao “mito favorito del Rey don Sebastián”, Maeztu deseja ver o malogrado rei português subir o rio Tejo e entrar em Madrid pela Puerta de Toledo (Maeztu, in Sardinha 1972: LXV), despertando Espanha para a missão hispanista que lhe cabe na história moderna.

Após a morte de Sardinha, Ramiro de Maeztu continuará a difundir o pensamento integralista português nas páginas da revista *Acción Española* (1931-1937) (Gutiérrez Sánchez, M. e Jiménez Núñez, 2004), cuja influência se alargará a uma nova geração de conservadores espanhóis como Juan Beneyto Perez, Nicolás González Ruiz, Gabriel Uruguén e Enrique Urain. Intitulada revista de pensamento hispânico anti-revolucionario, esta publicação periódica será responsável, em 1939, pela 2ª edição espanhola da obra aliancista de Sardinha, com prólogo de Marqués de Quintanar e estudo de Pequito Rebelo sobre “Unidade e Dualidade Peninsular”, tornando evidente que, no termo da guerra civil, o pensamento de Sardinha continua a ser uma referência,



intensificada, agora, que o Franquismo se impõe em Espanha e se estreitam relações com o Estado Novo.

### **Influência do Integralismo Lusitano na América Latina**

Dado o empenho, a partir de 1920, em difundir a doutrina integralista e estabelecer laços de fraternidade com a América Latina, a ação hispanista de Sardinha constituirá a sua “última cruzada contrarrevolucionária” (Desvignes, 2016). A essa ação se alia a imagem e receção da doutrina integralista no continente sul-americano, que se espelha nos seus ensaios, e que se inscreve numa comunidade ou geografia imaginadas, na asserção de Benedict Anderson (1983) e Edward Said (1978)<sup>1</sup>, mais propriamente, a de uma *América Imaginaria*, como a definiu o escritor chileno Miguel Rojas Mix (1992, 2005)<sup>2</sup> e que parte de uma perspectiva eurocêntrica, que assenta na herança civilizacional peninsular como matriz identitária da América, consubstanciada na memória coletiva da comunidade hispânica, que excede os limites da própria Península para transpor o *Mare Nostrum* Atlântico e estreitar laços espirituais com África e América Latina. De facto, a imagem que Sardinha constrói do “outro” periférico, latino-americano e africano, a que Mikhail Bakhtin definia através do conceito de “Otherness” (Bakhtin, 1984:94), insere-se na dicotomia secular de civilização e barbárie, recusando as correntes indianista ou indigenista criadas no seio do romantismo oitocentista e, contrariando o primitivismo original destes povos, esse “estado selvagem” que Montaigne entendia como “estado de graça” (Sardinha, 1972: 336), Sardinha valida, em seu lugar, o modelo de aperfeiçoamento humano cedido pela identidade ibérica, europeia e greco-latina, como traço regulador da cultura sul-americana. Ao admitir, citando Aurélio Espinosa, que os elementos da tradição índia não deram frutos apreciáveis (Sardinha, 1972:327), Sardinha atribuiu a Espanha e, entenda-se aqui, também a Portugal, a missão de “espiritualizar” e

---

<sup>1</sup> Em *Imagined Communities* (1983) B. Anderson entende o nacionalismo como comunidade socialmente contruída, concebida por aqueles que se inserem num determinado grupo, enquanto que E. Said se refere à geografia imaginária e à sua representação em *Orientalism* (1978), fazendo deslocar a epistemologia temporal, vigente até às últimas décadas, para uma epistemologia espacial, alterando o rumo do pensamento político e social.

<sup>2</sup> Do ponto de vista terminológico, os conceitos ibero-americano, hispano-americano ou latino-americano, amplamente discutidos por António Sardinha e por uma plêiade de autores, entre o final do século XIX e princípios do século XX, apresentam especificidades no plano filológico, político e sociológico. Na perspetiva ibérica, espanhola e portuguesa, o termo “Iberoamérica” é usado no período entre séculos, no contexto diplomático, científico e académico para designar toda a Península como unidade cultural, incluindo Portugal e Brasil (CF. Faber, citando Rojas Mix, 2005: 70). Em Portugal, Fidelino de Figueiredo, por exemplo, adota o termo ibero-americano in *Notas para um Idearium Português, Política e Literatura*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1929: 90. Do ponto de vista sul-americano, a noção de “iberoamericanismo” foi usada na década de vinte como variante do hispanismo para designar os laços entre Espanha e a América-Latina por oposição ao Pan-Americanismo propagado pelos Estados Unidos desde o século XIX. Por sua vez, o termo “latinoamerica” foi adotado pela França para se referir à herança europeia (latina), como frisou Sardinha. Cf *A Aliança Peninsular* (1972: 329).

de “civilizar” o novo mundo (Sardinha, 1972: 330). O mestre do Integralismo propaga, deste modo, o seu credo hispanista às jovens pátrias sul-americanas carentes, desde a sua independência, de “unidade moral e política” (Sardinha, 1972: 339), que o Liberalismo Francês impediu de concretizar, condenando-as à “eterna instabilidade” das “dissensões constantes, a guerra civil por hábito permanente, o caudillismo...” (Sardinha, 1972: 339).

Para confirmar a sua “política atlântica”, Sardinha socorre-se de tratados teóricos e de obras literárias dos mais destacados autores do mundo hispânico, alguns dos quais, seus interlocutores, que defendem a ascendência histórica e cultural do Ocidente sobre o continente americano, cujos valores civilizacionais devem ser perpetuados na era moderna<sup>3</sup>. Do emblemático livro *Ariel* do uruguaio José Enrique Rodó (Sardinha, 1972: 337) ao nicaraguense Ruben Darío, de quem Sardinha cita o “verso inolvidável”: “yo soy el Caballero de la humana energía” (Sardinha, 1972:290) ou o escritor venezuelano Rufino Blanco-Fombona (Sardinha, 1972: 340), paladim de uma hispanidade contra o utilitarismo e imperialismo norte-americanos, todos são citados em defesa dos valores do espírito.

Apesar do escasso número de interlocutores latino-americanos, o alcance da política aliancista de Sardinha alastra-se por diversos setores político-culturais. Da rede de contactos hispano-americanos, mais próximos de Sardinha, encontra-se o historiador argentino J. Francisco V. Silva, autor do polémico *Reparto de America Española y Pan-Hispanismo* (Sardinha, 1972: 323 e segg.) lido e profusamente citado por Sardinha em diferentes estudos, defensor da política racial sobre a qual projeta conferências em Portugal. Também os peruanos Angelica Palma e José de Riva-Aguero y Osma são apreciadores não só do pensamento e obra poética de Sardinha, como se revelam leitores assíduos da literatura portuguesa, de Camões a Eça, dos cronistas Fernão Lopes e João de Barros, ao *Portugal Contemporâneo* de Oliveira Martins (Relvas, 1998b: 164). Mercedes Gaibróis Ballesteros, mulher do historiador Antonio Ballesteros y Beretta, também ela historiadora e admiradora da história e da literatura portuguesas, irá participar na *Nação Portuguesa*, convergindo com o ideário integralista, no que toca, sobretudo, à divulgação do passado histórico (Relvas, 2004).

Por sua vez, a receção e influencia do Integralismo Lusitano no Brasil, igualmente iniciadas na década de vinte, com a distribuição da revista *Nação Portuguesa* em terras

---

<sup>3</sup> De entre os inúmeros estudos citados e obras latino-americanas existentes na Biblioteca de Sardinha, destacamos os brasileiros Sílvio Romero, *A América Latina* (1907) e Eduardo Prado, *A Ilusão Americana* (1917); dos argentinos Manuel Gálvez, *El Solar de la Raza* (1920) e Francisco V. Silva, *Reparto de la America Española* (1919); do mexicano Carlos Pereira, *El mito de Monroe*; dos uruguaios Luís de Alberto Herrera, *A Revolução Francesa e a América do Sul* e José Enrique Rodó, *Ariel* (1905).

de Vera Cruz, é protagonizada por uma plêiade de políticos e escritores que divulgam o pensamento de Sardinha na imprensa, intensificam o diálogo epistolar e intercambiam livros e revistas. São eles Gilberto Freire, Oliveira Lima, Jackson de Figueiredo, Ronald de Carvalho e Elísio de Carvalho que nas páginas de *A Ordem*, *América Brasileira* e *Diário de Pernambuco*, serão unânimes na admiração pelo poeta, revisor da história nacional e criador de um sistema político e cultural hispânico que dará os seus frutos nas décadas seguintes. Esta rede de contactos e conhecimentos alarga-se a outros interlocutores que serão peças chave na ponte transatlântica estabelecida com o núcleo integralista de Sardinha, como os portugueses Fidelino de Figueiredo e Luís de Almeida Braga e os brasileiros Hamilton Nogueira, Claudio Ganns, José Lins do Rego ou Félix Pacheco, colaboradores da revista *A Ordem*<sup>4</sup>.

Por seu lado, são conhecidas da intelectualidade brasileira as páginas que Sardinha dedica ao Brasil, eivadas de comunhão espiritual e de meditada doutrina política e social. Se, no plano simbólico, o Brasil representa o melhor exemplo da vocação apostólica portuguesa, “o filho primogénito”, “obra do nosso génio” (Sardinha, 1916: 44-45), o “Portugal segundo ou Portugal marítimo” (Sardinha, 1928: 16), que o ideólogo sente como “segunda pátria”, (Sardinha, 1972: 185), no plano doutrinário, o mestre integralista defende para as repúblicas latino-americanas um sistema presidencialista no comando de um Estado corporativo.

Na década de trinta, o ideário de Sardinha terá em Plínio Salgado um dos mais acérrimos seguidores e criadores, em 1932, do movimento integralista brasileiro. Quando exilado em Portugal, entre 1939 e 1946, em consequência do golpe realizado, em 1937, para a implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas, Plínio reforça os laços luso-brasileiros e amadurece a sua doutrina política com a aproximação aos membros do Integralismo Lusitano Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, Alberto de Monsaraz e Almeida Braga e que se estende a tentativas de acordo com o III Reich (Gonçalves, 2014). Em 1928, também Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978), líder negro e monárquico, enquanto fundador da Acção Imperial Patrianovista Brasileira, inspira-se na doutrina de Sardinha e defende uma Monarquia orgânica, social e popular no Brasil. Por sua vez, Guilherme Auler, autor do livro *António Sardinha* (1943), propagará o pensamento hispanista do mentor do Integralismo no Centro Tradicionalista Português. Outro vulgarizador do tradicionalismo político ibérico no Brasil, na linha de Sardinha e Maeztu, seria José Pedro Galvão de Sousa (1912-1992), que na sua revista “*A Reconquista*”

---

<sup>4</sup> Contactos próximos de Jackson de Figueiredo, referenciados na correspondência dirigida a António Sardinha (Relvas, 1998b: 133-140) e na revista *A Ordem* onde estes autores publicaram textos alusivos ao Integralismo e ao seu mestre português.

defende o pensamento tradicionalista hispano-americano, e estreita laços com a ala conservadora e carlista espanhola como o pensador Francisco Elías de Tejada y Spínola, através do qual inicia contacto com os tradicionalistas hispânicos Juan Vázquez de Mella e Enrique Gil Robles. Vasta e abrangente é, portanto, a influência da obra de António Sardinha no Brasil que, atualmente, suscita interesse na comunidade académica empenhada em escrever a história brasileira do século XX.

## **Conclusão**

Vimos como a circunstância do exílio permitiu a António Sardinha a reformulação do seu ideário integralista e constituiu uma oportunidade de diálogo e de criação de redes de conhecimento à escala ibérica e transatlântica, construindo, no encontro de ideias, um novo paradigma nas relações luso-hispânicas. Paradigma político, cultural e espiritual, de “sagrada irmandade”, procurando uma convergência dos povos hispânicos para cumprir o “sonho ecuménico” do Quinto Império (Sardinha, 1972: 4).

O papel que o hispanismo assume como peça chave do Integralismo Lusitano, a partir da década de vinte, representa para Sardinha uma segunda “conversão ideológica e espiritual”, depois da sua adesão à monarquia, em 1912 (Ramos, 2008: 11). De facto, Espanha representou um “enriquecimento do pensamento” (Machado, Pageaux, 1983: 50) e foi onde a sua “inteligência adquiriu a sua plena maturação” (Desvignes, 2006: 244-245). Por outro lado, o alcance da sua doutrina em Espanha e América Latina assume considerável relevância, dada a sua ascendência e influencia nas hostes tradicionalistas e contrarrevolucionárias, carentes de uma doutrina sólida capaz de dar consistência aos seus ideais, que só o movimento cultural do Integralismo Lusitano podia, no seu entender, proporcionar.

## **Obras citadas**

Álvarez, E. (2012). “Del Rosa al Sepia. El programa de los Juegos Florales Hispano-Portugueses de Salamanca, 1909”. *Uma coisa na ordem das coisas. Estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. (eds.) C. R., J. A. Bernardes, M. H. Santana. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.131-150.

Anderson, B. (1983). *Imagined Communities: Reflexions on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.

Bassnett, S. (2006). “Reflection on Comparative Literature in the twenty-first century”. In: *Comparative Critical Studies*, 3, 1-2: 3-11.

Bevan, D. (1990). *Literature and Exile*. Amsterdam, Atlanta: GA..

Brito, G. (2007). “O pensamento político de António Sardinha no Brasil”, comunicação apresentada no XXIV Simpósio Nacional de História, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil, Julho.

<http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0254.pdf>

Damrosch, D. (2003). *What is World Literature?* Princeton University Press.

Deleuze, G. e Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.

Desvignes, A. I. S. (2006). *António Sardinha – Um Intelectual do século*. 1ª ed.. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Desvignes, A. I. S. (2016). “Hispanismo e relações luso-brasileiras. A última cruzada contrarrevolucionária de António Sardinha”. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, Vol.42, nº1, jan.-abril, pp.75-104.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/jgergeron/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/21821/14315>

Even-Zohar, I. (1990). “System, Dynamics, and interference in culture: A synoptic view”. *Poetics Today*, vol.11, nº1, Polysystem Studies (spring), pp.85-94.

Faber, S. (2005). “La hora ha llegado’: Hispanism, Pan-Americanism, and the hope of Spanish/ American Glory (1938-1948)”. *Ideologies of Hispanism*. Ed. M. Moraña. *Hispanic Issues* vol.30. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University Press, pp.62-104.

Ferreira, P. B. R. (2016). *Iberismo, hispanismo e os seus contrários. Portugal e Espanha (1908-1931)*, Tese de Doutoramento inédita. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22974/1/ulsd072479\\_td\\_Paulo\\_Ferreira.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/22974/1/ulsd072479_td_Paulo_Ferreira.pdf)

Fox, I. (1998). “La invención de España: literatura y nacionalismo”. *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* 21-26, Birmingham, Vol. 4, pp. 1-16.

Gonçalves, L. F. (2014). “Plínio Salgado em Portugal: de líder da Ação Integralista Brasileira a “profeta”, autor da Vida de Jesus”, Working Paper, Instituto de História Contemporânea.

[file:///C:/Users/utilizador/Downloads/37671\\_WP\\_4\\_Plinio\\_Salgado\\_em\\_Portugal-de\\_lider\\_da\\_Acao\\_Integralista\\_Brasileira\\_a\\_profeta\\_autor\\_da\\_Vida\\_de\\_Jesus.pdf](file:///C:/Users/utilizador/Downloads/37671_WP_4_Plinio_Salgado_em_Portugal-de_lider_da_Acao_Integralista_Brasileira_a_profeta_autor_da_Vida_de_Jesus.pdf)

consultado em 24.07.2016.

González Cuevas, P. (2003). *Maeztu: biografía de un nacionalista español*. Madrid: Marcial Pons Historia.

Gutiérrez Sánchez, M. e Jiménez Núñez, F. (2004). “La recepción del Integralismo Lusitano en el mundo intelectual español”, *Elites e Poder. A Crise do Sistema Liberal em Portugal e Espanha (1918-1931)*. Ed. Manuel Baiôa. Lisboa, Colibri — CIDEHUS-EU, pp. 303-321.

Lukes, S. e Durkheim E. (1999). *His life and work: a historical and critical study*. Stanford University Press.

Machado, Á. M.; Pageaux, D. H. (1983). *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70.

Martins, F. (2004). “Integralismo Lusitano e Política Nacional: as metamorfoses e os desafios da década de 1920”, *Elites e Poder. A crise do sistema liberal (1918-1931)*, (ed.) Manuel Baiôa. Lisboa: CIDEHUS. Edições Colibri, pp.271-302.

Matos, S. C. (2006). “Iberismo e identidade nacional (1851-1910)”, *Clio*. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 14, pp.349-400.

Matos, S. C. (2007). “Conceitos de Iberismo em Portugal”, *Revista de História das Ideias*, 28, pp.169-193.

Molina, C. A. (1990). *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Ediciones Akal.

Pinto, A. C. (1982). “A formação do Integralismo Lusitano (1907-1917)”, *Análise Social*, vol XVIII (72,73,74), pp.1409-1419.

Quintanar, M. (1952). «Maeztu y Sardinha». *Cuadernos Hispanoamericanos - Homenaje a Don Ramiro de Maeztu*, sept., octubre, nº33-34, Madrid, p.115.

Ramos, R. (2008). Prefácio a *Correspondência de António Sardinha para Ana Júlia Nunes da Silva (1910-1912)*. Ana Isabel Sardinha Desvignes. Lisboa: Universidade Católica Editora, pp. 11-17.

Real, M. (2010). *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*. Lisboa: INCM.

Relvas, S. R. (1998a). *António Sardinha e suas relações culturais com a Espanha. “Pactos de Quinas e de Flores de Liz” entre os “semeadores de Nacionalidades”*. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, Vol. I [tese inédita].

Relvas, S. R. (1998b). Apêndice Documental. *Correspondência Espanhola, Brasileira e Hispano-Americana dirigida a António Sardinha (1906-1925)*. Lisboa: FCSH Universidade Nova de Lisboa, Vol. II.

Relvas, S.R. (2004). “António Sardinha e o Hispanismo. Diálogo com o feminino. Cartas de Angélica Palma e Mercedes Gaibróis Riaño Ballesteros”. *Mulher, cultura e sociedade na América Latina = Mujer, cultura y sociedad en América Latina*. Ed. Maria Fernanda de Abreu. Lisboa: Edições Colibri: CECLU: FCT, pp. 65-82.

Relvas, S. R. (2016). “António Sardinha à Lareira de Castela. O exílio na construção do ideário hispânico”. *Migrações e Exílios*. Centro de Estudos Interdisciplinares, CEIS20. Universidade de Coimbra (no prelo).

Said, E. W. (1978). *Orientalism*. New York: Pantheon.

Sardica, J. M. (2013). *Iberia. A relação entre Portugal e Espanha no século XX*. Lisboa: Alêtheia Editores.

Sardinha, A. (1916). “O Território e a Raça”, *A Questão Ibérica*. Lisboa: Tipografia do Anuário Comercial, pp. 11-75.

- Sardinha, A. (1922a). “Pan-Hispanismo”, *Contemporânea*, vol.1 n<sup>o</sup>2, junho, pp.49-51.
- Sardinha, A. (1922b). *Na Côrte da Saudade*. Sonetos de Toledo. Lisboa, Porto, Coimbra: Lúmen. Empresa Internacional.
- Sardinha, A. (1924). *Ao Princípio era o verbo*. Ensaaios e estudos. Lisboa: Portugalidade.
- Sardinha, A. (1928). “Os Gamas”, *Nação Portuguesa*, série V, tomo I, pp. 10-16.
- Sardinha, A. (1940). *La Cuestión Peninsular*. Traducción de Juan Beneyto Pérez, Prólogo del Marqués de Lozoya. Biblioteca Hispano-Portuguesa, Cádiz-Madrid: Cerón y Librería Cervantes, S.L.
- Sardinha, A. (1943). *À Lareira de Castela*. Lisboa: Edições Gama.
- Sardinha, A. (1972). *A Aliança Peninsular*. Antecedentes e Possibilidades. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: QP.
- Shaw, D. (1982). “Hacia una interpretación sociológica de la generación del 98”, *Actas del IV Congreso Internacional de Hispanistas*, [Salamanca, agosto 1971]. Ed. Eugenio de Bustos Tovar. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 639-643.